

ENFERMAGEM RURAL Rural Nursing

Regina Rigatto Witt¹
Daniel da Luz Backes²
Cintia Strim²
Daniela Rodrigues²

RESUMO

Este artigo relata a experiência de uma docente e quatro acadêmicos de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em um assentamento do Movimento Sem-Terra. O trabalho do grupo iniciou com uma atividade de convivência, que resultou em um projeto de extensão. O objetivo deste projeto foi o desenvolvimento de um modelo assistencial de enfermagem para a população da zona rural, considerando-se as especificidades do Movimento Sem-Terra, a fim de adequar o ensino à esta realidade. Os referenciais teóricos escolhidos para o trabalho foram os de Breilh (1990) e Freire (1981). As atividades foram desenvolvidas no ano de 1996 e compreenderam o cuidado domiciliar e a educação em grupo.

UNITERMOS: *Enfermagem rural, Enfermagem de Saúde Pública, Extensão em Enfermagem*

1 INTRODUÇÃO

“Aprender é aventurar-se, é enfrentar o desconhecido, é ampliar horizontes”.

1 Coordenadora do projeto de extensão Enfermagem Rural, Professora da Escola de Enfermagem da UFRGS, Mestre em Saúde Pública/USP.

2 Acadêmicos do Curso de Graduação em Enfermagem/UFRGS—bolsistas do Projeto Enfermagem Rural.

A proposta de trabalho da Escola de Enfermagem no Assentamento Capela de Santana surgiu por solicitação do coordenador do projeto Trabalhadores Rurais, a partir de um trabalho que estava sendo desenvolvido no local. Esta solicitação foi atendida por um grupo de alunos do Curso de Graduação em Enfermagem que, em contanto anterior com o projeto, demonstrou interesse em participar de uma atividade de extensão denominada Convivência Inverno.³

O Projeto Trabalhadores Rurais é desenvolvido pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), através de sua Pró-Reitoria de Extensão e visa promover cursos, palestras, assessorias, estágios e seminários nas áreas de desenvolvimento agropecuário, saúde do trabalhador rural, educação e formação de recursos humanos para o meio rural.

A atividade de Convivência foi desenvolvida em setembro de 1996 e, a partir de então o grupo resolveu dar continuidade às atividades iniciadas, tendo, para isto, elaborado um projeto de extensão. A proposta tem como base os dados colhidos no assentamento, tendo o grupo escolhido como referenciais teóricos, aqueles que mais parecem se adequar à ideologia do Movimento dos Sem-Terra.

2 O MOVIMENTO SEM-TERRA E O ASSENTAMENTO CAPELA DE SANTANA

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundado formalmente em 1984, surge como a luta pelo direito de acesso à terra. Tem como objetivo principal a conquista de uma reforma agrária ampla e massiva, utilizando como principal forma de pressão para as desapropriações, os acampamentos.⁴

Desde 1989, a fazenda Capela vinha sendo alvo de ocupações dos sem-terra. A área estava penhorada pelo Banco do Brasil em pagamento de uma dívida decorrente da falência da destilaria de álcool e possuía uma área cultivada inferior a 15% da propriedade. Em 04 de agosto de 1989, famílias providas de um acampamen-

3 As atividades de Convivência têm como objetivo levar os estudantes a compreender a realidade em que vivemos, proporcionando subsídios para as práticas dos alunos dos diversos cursos da UFRGS.

4 Os acampamentos constituem-se em ocupações de propriedades e são utilizados pelo Movimento dos Sem-terra como forma de pressão para a desapropriação para fins de assentamento.

to do município de Salto do Jacuí ocuparam a fazenda Capela. A terra foi desapropriada, mas o proprietário recorreu e foi contemplado com reintegração de posse, tendo as famílias se retirado para a estrada que dá acesso à fazenda. A fazenda foi reocupada em agosto de 1993 pelas famílias já acampadas na estrada juntamente com acampados vindos de Não-me-Toque. Esta pressão levou o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) a adquirir, em 1994 a área para fins de assentamento.

3 PERFIL DO SÓCIO-ECONÔMICO DO MOVIMENTO SEM-TERRA E DO ASSENTAMENTO

Perfil sócio-econômico dos sem-terra, estudado em quatro acampamentos do país, foi publicado pela Folha de São Paulo. (Toledo, 1996) A pesquisa mostrou que o grau de instrução dos acampados é, na média, inferior ao da população rural do país, por sua vez, menor que o da população em geral. Os integrantes do movimento são, na maioria, “excluídos” do campo, pelos indicadores de renda, propriedade e educação escolar, pois não possuem renda ou propriedade. Marginalizados, na área rural do país, as famílias de sem-terras envolvidas em invasões cresceram de 20.516 em 1994, para 30.746 em 1995. A maioria dos sem-terra está acampada em seu estado de origem. O perfil revela um grupo com idade média na faixa dos 25 aos 44 anos (50%). Há significativa hegemonia masculina (62% de homens) e de católicos (82%). Há mais casados e “amigados” (65%) do que na média da população rural (54%).

Dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Brasil, 1996), mostram que o peso relativo da pobreza é maior na zona rural, 39% contra 29% nas áreas metropolitanas e 27% nas zonas urbanas não metropolitanas, embora devido a concentração da população na zona urbana o maior contingente de pobres encontre-se nestas (29,7 milhões contra 12,2 milhões no meio rural).

O Assentamento de Capela de Santana é composto por 100 famílias distribuídas pela fazenda, que tem 2.027 hectares. Estas estão organizada em oito grupos diferentes (a divisão se deu ainda no acampamento de acordo com a região de origem dos colonos), mais uma parcela de trabalhadores que não se enquadram em nenhum dos grupos. A forma de trabalho é variada sendo que um dos grupos composto por 40 famílias, trabalha de forma cooperativa e as outras 60 não. Algumas ainda vivem em barracas de lona e existem grandes distâncias entre as casas das famílias dos diferentes grupos.

4 REFERENCIAIS TEÓRICOS

O conhecimento epidemiológico desenvolve-se em torno do esforço para explicar e transformar os problemas de saúde-doença em sua dimensão social. Para Laurell citado por Breilh (1990) a análise da realidade obriga a definir que teoria social vamos utilizar em sua interpretação, por isso, os referenciais teóricos apresentados neste artigo são aqueles que nos parecem explicar a realidade do Movimento Sem-terra.

Gramsci citado por Kantorski (1996) entende a ideologia enquanto concepção de mundo da classe dominante que precisa ser difundida por toda a sociedade assumindo um caráter de universalidade. No entanto, desenvolve a idéia de que a difusão da ideologia se dá na filosofia e no senso comum. O autor reconhece nestes espaços de difusão um núcleo de contradição, que pode ser trabalhado de modo a se construir uma contra-ideologia elaborada historicamente pelos sujeitos que vivem a opressão. Assim, ao se tratar da reprodução, reconhece-se o seu caráter contraditório e a possibilidade de que sejam constituídos espaços emancipatórios no interior da sociedade.

Para Boff (1998), entre os grupos que pensam um novo paradigma civilizatório está o Movimento Sem-Terra, porque se dão conta de que o problema não é só a reforma agrária, mas a estrutura da sociedade. Esta não pode ser apenas socialista, mas participativa e mais justa, uma sociedade que redefina o trato com a natureza, as formas de produção.

O sujeito desta sociedade, compreendido nas relações sociais que estabelece, ocupa um lugar no processo produtivo e através do trabalho humano, engendra instituições sociais, no caso o Movimento Sem-terra. O procedimento empírico deste sujeito, assim como as técnicas que desenvolve e o saber científico, conforme Freire (1981), encontram-se condicionados histórico-culturalmente. Neste sentido, tanto o comportamento empírico dos camponeses quanto as técnicas dos especialistas são considerados manifestações culturais.

A preocupação com a produção, trazida pelos assentados, relacionada a sua subsistência no campo, tem sido tratada pelo grupo como uma preocupação com a garantia de que eles sejam sujeitos de sua capacitação, e foi dentro desta perspectiva que nos propomos a trabalhar. Assim, segundo Freire (1981), transformando a realidade natural com seu trabalho, os homens criam o seu

mundo; mundo da cultura, da história e das práticas de saúde que, criado por eles, sobre eles se volta, condicionando-os.

5 METODOLOGIA

A atividade Convivência Inverno foi precedida de algumas reuniões com a participação de acadêmicos de diversas áreas (enfermagem, engenharia, comunicação, psicologia, educação, medicina e sociologia). Em uma primeira etapa os alunos da sociologia apresentaram um estudo do processo de desenvolvimento do assentamento no seu período inicial, através da descrição e análise sociológica dos aspectos histórico-culturais.

Em seguida o grupo de alunos e o professor de enfermagem foram ao assentamento, com a finalidade de fazer um primeiro contato. Nesta ocasião, tomamos conhecimento das expectativas do grupo de assentados com relação ao trabalho do grupo. Também foi possível obter-se informações preliminares sobre a população, área geográfica, condições de moradia, de trabalho e de convivência dos assentados, bem como os principais problemas de saúde identificados por eles.

Na semana de 02 a 08 de setembro de 1996, um grupo de 07 alunos de enfermagem participou do Programa Convivência Inverno, tendo permanecido no Assentamento durante este período, alojados nas casas dos assentados. A consequência mais importante da atividade de convivência foi a decisão dos assentados e do grupo de alunos, pela manutenção de reuniões periódicas sob a forma de oficinas com representantes dos grupos do assentamento para a formação de agentes de saúde.

Para isto foi elaborado um projeto de extensão denominado “Enfermagem Rural”, criado para dar continuidade às atividades iniciadas. Este projeto visou o desenvolvimento de um modelo assistencial de enfermagem para a população da zona rural, considerando-se as especificidades do Movimento Sem-Terra, a fim de adequar o ensino à esta realidade. Os objetivos deste projeto foram: identificar qual o conceito de saúde-doença do grupo, apreender as maneiras de cuidar do grupo, identificar os problemas de saúde e as necessidades de Enfermagem, fazer levantamento dos recursos existentes, orientar a comunidade para a identificação dos recursos necessários para a assistência à saúde, auxiliar na organização da comunidade, desenvolver atividades de promoção da saúde, desenvolver maneiras de cuidar adequadas a realidade do grupo, trabalhar de forma interdisciplinar.

As reuniões foram realizadas após o período de convivência com a participação dos alunos e do professor de enfermagem. O planejamento do programa e do treinamento segundo Werner e Bower (1984) não seguiu um esquema já pronto. Ao contrário, o planejamento foi contínuo e flexível como parte do processo de aprendizagem. Participantes de todos os níveis (monitores, alunos e membros da comunidade) ajudam a criar, modificar e criticar os planos. Isso permitiu que o programa estivesse sempre evoluindo e se adaptando, para melhor atender às necessidades das pessoas, em constante mudança.

Nos sábados em que o grupo foi ao assentamento, foram realizadas visitas às famílias, a fim de dar continuidade às ações de diagnóstico, assistência e/ou encaminhamento dos problemas de saúde identificados. Nestas famílias o grupo realizou a abertura de prontuários de família.

Os alunos foram supervisionados através de reuniões semanais com o Professor Orientador.

6 RESULTADOS

O conceito de saúde-doença dos assentados pode ser compreendido a medida que fomos trabalhando. Já na primeira visita, o grupo expressou que *“a nossa saúde melhorou muito aqui no assentamento. Quando estávamos no acampamento, todo o dia saía um para o hospital”*. Para Egry (1999) a saúde é um processo particular de uma sociedade que expressa no nível individual as condições coletivas de vida resultantes das condições favoráveis de saúde e sobrevivência, assim como as condições desfavoráveis, isto é, os riscos de adoecer e morrer.

No período de convivência, a fim de termos um primeiro contato com o assentamento, planejamos e desenvolvemos atividades de promoção da saúde, tais como treinamento de primeiros socorros, aplicação de fluor nas crianças da escola, verificação da pressão arterial dos adultos e da cobertura vacinal das crianças, orientação a respeito do tratamento da água e avaliação do estado nutricional das crianças.

O levantamento dos recursos existentes foi realizado em todos os momentos que fomos ao assentamento. Com este levantamento realizamos uma visita a Prefeitura, a fim de tomarmos conhecimento dos recursos de saúde do município e, também levando as necessidades identificadas às autoridades competentes,

pois verificamos que não houve um preparo do município para receber as famílias do assentamento no sentido de ter-se expandido a rede de atendimento a saúde em razão do aumento do número de habitantes da região.

As maneiras de cuidar adequadas a realidade do grupo foram desenvolvidas principalmente nos grupos educativos onde os temas abordados foram: alimentação alternativa, planejamento familiar, acidentes com cortantes e cuidados com os ferimentos.

Os principais problemas encontrados nas famílias foram o alcoolismo, a desnutrição e os ferimentos por objetos cortantes. Através da identificação das maneiras de cuidar das famílias, o grupo teve a oportunidade de detectar e desenvolver orientações sobre aspectos de saúde, pois surgiram em todos os momentos como a principal necessidade de enfermagem.

Dos objetivos propostos consideramos que, com relação ao tema da organização da comunidade, aprendemos mais do que auxiliamos extrapolando nossa previsão inicial, porém nossa presença no assentamento foi importante, no sentido de esclarecer os princípios do Sistema Único de Saúde.

O trabalho interdisciplinar não pode ser operacionalizado, pois tínhamos a intenção de trabalhar com alunos de outros cursos da UFRGS. O horário destes, porém, não foi compatível com o dos alunos da enfermagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com o Movimento Sem Terra possibilitou identificar um trabalho de construção de um projeto de saúde relacionado com a melhoria das condições de vida no campo.

Para a Escola de Enfermagem, o projeto vem ao encontro dos anseios dos professores, de formar profissionais preparados para trabalhar com a realidade da zona rural, tendo a experiência sido primordial para o início da estruturação de conteúdos teóricos e vivências práticas para posterior inclusão no currículo de graduação.

Os aspectos que dificultaram o trabalho referem-se a longa distância entre as casas, dificultando o contato entre os alunos e professor; medo dos colonos relativos a procedimentos, tais como, verificar a pressão arterial; adaptação dos alunos às condições de vida no campo com relação ao uso de latrinas, moradia e falta de água potável. Por outro lado a receptividade, hospitalidade, atenção, confiança dos colonos facilitaram o trabalho, como também sua

disposição para relatar seus problemas de saúde, história de vida, suas perspectivas, aspectos de sua cultura, suas dúvidas e receios conforme sua visão de mundo. Os alunos consideram que o projeto proporcionou uma convivência entre alunos e famílias de assentados, que possibilitou a criação de um vínculo, minimizando a distância existente entre o meio urbano e o meio rural. O interesse e a motivação demonstrados pelos colonos também foram fatores que contribuíram para a realização do trabalho.

ABSTRACT

This paper describes the experience of a teacher and four students of the Federal University of Rio Grande do Sul within a sitting of members of a rural social movement that claims for land in Brazil. The work began with an activity of familiarization and ended up being an extension project. The aim of this project was the development of a Nursing assistencial model for the population of the rural area, considering the specificities of this movement, wishing to adapt Nursing teaching to this reality. The author sought for theoretical references in Breilh (1999) and Freire (1981). The activities were developed in 1996 and consisted of home care and group education.

KEY WORDS: rural nursing, public health nursing, extension project

RESUMEN

Este artículo describe la experiencia de una profesora y cuatro estudiantes de enfermería de la Universidad Federal de Rio Grande del Sur en un asentamiento del Movimiento Sin Tierra. El trabajo empezó con una actividad de familiarización que resultó en un proyecto de extensión. El objetivo deste proyecto es desarrollar un modelo asistencial de enfermería para la población de la area rural, considerando las especificidades del movimiento sin tierra, con la intención de adecuar la enseñanza de enfermería a la realidad. Los referenciales teoricos utilizados fueron los de Breilh (1999) y Freire (1981). Las acitividades fueron desarrolladas en 1996 y trataran del cuidado en el domicilio y educación en grupo.

DESCRIPTORES: *enfermería rural, enfermería de salud comunitaria, extensión en enfermería*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BOFF, L. Gestando novos paradigmas. *Revista do CPERS Sindicato*, Porto Alegre, n.10, p.3-5, 1998.
- 2 BRASIL. *Relatório sobre o desenvolvimento humano no Brasil*. Rio de Janeiro, IPEA: Brasília, DF-PNUD, 1996.
- 3 BREILH, J. A reprodução social e a investigação em saúde coletiva. Construção do pensamento e debate. In: Costa et al. *Epidemiologia: Teoria e objeto*. São Paulo: HUCITEC/ABRASCO, 1990.
- 4 EGRY, E. *Saúde Coletiva: construindo um novo método em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996.
- 5 FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. 5 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- 6 KANTORSKI, L. P. A luta pela saúde no movimento social de Aratiba. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 17, n.1, p.33-42, 1996.
- 7 TOLEDO, J. R. de. Sem-Terra. *Folha de São Paulo*, São Paulo, n Especial, p.1-10, 30 de junho de 1996.
- 8 WERNER, D.; BOWER, B. *Aprendendo e ensinando a cuidar da saúde*. 2. ed., São Paulo: Paulinas, 1984.

Data de entrada na revista: 12/01/2000

Início do período de reformulações: 28/04/2000

Aprovação final: 20/10/2000

Endereço da autora: Regina Rigato Witt
Author's address: Rua São Manoel 963
90620-110 - Porto Alegre - RS